



25
Anos

Boletim ALIANÇA FIEL



Minha Vocação é ser Santo

(11)9.4594-3555  COMUNIDADEFIDELIDADE.COM   @COMUNIDADEFIDELIDADE

Porque Domingo da Misericórdia?

O Domingo da Misericórdia é uma celebração instituída por São João Paulo II no ano 2000, durante a canonização de Santa Faustina Kowalska, e é celebrado no segundo domingo da Páscoa. Trata-se de um convite solene à humanidade para voltar o olhar ao Coração de Jesus transpassado por amor, de onde joram sangue e água como fontes de misericórdia para todos. Este dia é inteiramente voltado à confiança na misericórdia infinita de Deus e ao apelo à conversão. A escolha do segundo domingo da Páscoa não é por acaso: ele encerra a Oitava da Páscoa, quando a Igreja celebra intensamente o triunfo da vida sobre a morte. Nesse contexto, a Misericórdia Divina é apresentada como a maior manifestação do amor do Pai, que nos oferece o perdão gratuito e a salvação em Cristo.

A origem dessa celebração remonta às revelações particulares recebidas por Santa Faustina Kowalska, religiosa polonesa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia. Entre 1931 e 1938, Jesus apareceu várias vezes a Faustina, confiando-lhe a missão de ser apóstola da Sua misericórdia.

Em uma das revelações, Jesus pediu expressamente que fosse instituída uma festa dedicada à Sua Divina Misericórdia, a ser celebrada no domingo após a Páscoa. Ele prometeu derramar graças especiais nesse dia sobre os que se aproximassem com confiança. Entre os pedidos de Jesus, destacam-se ainda a oração do Terço da Misericórdia, a novena que antecede a festa e a propagação da imagem de Jesus Misericordioso com a inscrição "Jesus, eu confio em Vós".

A instituição da festa por São João Paulo II

O desejo de Jesus foi plenamente atendido por São João Paulo II. Em 30 de abril do ano 2000, ao canonizar Faustina, o Papa proclamou oficialmente o segundo domingo da Páscoa como o Domingo da Divina Misericórdia. Este ato representou não apenas o reconhecimento da veracidade das revelações, mas também a inserção dessa espiritualidade no coração da Igreja.



De maneira profundamente simbólica, São João Paulo II faleceu em 2 de abril de 2005, justamente na véspera do Domingo da Misericórdia daquele ano. Sua morte, unida à essa festa, é vista por muitos como um selo da Providência sobre essa devoção.

O significado espiritual do Domingo da Misericórdia

O Domingo da Misericórdia é uma oportunidade de redescobrir o centro da mensagem evangélica: o amor misericordioso de Deus. João Paulo II dizia que "a misericórdia é o segundo nome do amor". Não se trata apenas de um atributo entre tantos, mas da própria forma como Deus se relaciona conosco: perdoadando, curando, acolhendo.

Celebrar esse domingo é fazer memória da paixão, morte e ressurreição de Cristo sob a ótica da ternura de Deus. É reconhecer que somos pecadores e que precisamos da graça para recomeçar. A misericórdia é o caminho da esperança para os tempos difíceis, para as feridas profundas da alma e para um mundo sedento de compaixão. Nas aparições a Santa Faustina, Jesus fez promessas extraordinárias para os fiéis que celebrassem o Domingo da Misericórdia com fé e confiança.

A MULHER QUE MUITO AMOU, MUITO ESPEROU E MUITO PERSEVEROU



Somos renovados pela Ressurreição de Jesus, que, mais uma vez, derrota a morte, o mal, e nos faz reviver, tomar um novo vigor, ter uma vida nova.

Ao olharmos para todo o itinerário que vivemos na Quaresma, celebrar a Ressurreição de Jesus é, de fato, vencermos com Ele.

O encontro com o Ressuscitado

Olhemos para a liturgia de hoje. Jesus Ressuscitado aparece a Maria Madalena. O quanto ela deve ter esperado, chorado, rezado. O quanto ela perseverou até aquele momento. Vivendo a Quaresma, somos fortemente convidados a olhar para dentro de nós, a reconhecer nossas faltas e a mudar para não mais desagradar a Deus. Não há muitos relatos sobre Maria de Magdala, mas sabemos que ela foi a mulher que tinha sete demônios, e Jesus a libertou. Desde então, ela passou a segui-Lo. Maria Madalena também lutou, também fraquejou, também se encontrou diversas vezes com suas limitações, com as feridas trazidas por sua história e pelas escolhas que havia feito antes de conhecer Jesus. E, ainda assim, a pecadora, caída e julgada por todos torna-se a mulher que muito amou. Muito amou — e, por isso, muito lutou, muito esperou, muito perseverou. Imagino Maria, no dia a dia, lutando como muitos de nós: contra as próprias vontades contra os vícios, lutando para

permanecer naquele caminho com Jesus, sem se desviar, sem deixar que aquilo que seus olhos contemplavam à beira da estrada tirasse seu olhar d'Aquele que a conquistou, que a curou, que a libertou e que a amou profundamente.

A fidelidade até o fim

Maria Madalena, diferentemente da maioria dos discípulos, permaneceu até o fim com Jesus.

Nós lemos no Evangelho: “Perto da cruz de Jesus permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.” (Jo 19,25)

A força do amor tomou todo o seu ser, e não havia nada que pudesse fazê-la abandonar o seu Rabbuni.

Conquistada, amada, curada, olhada — ela permanece até o fim com o seu Mestre.

Diante do sepulcro

E é assim que a encontramos diante do sepulcro. Ela sentia saudades do seu Senhor, e ir ao sepulcro revela sua busca por estar na presença — ainda que uma presença aparentemente ausente, já que Jesus havia morrido.



Aqui, podemos olhar também para a nossa vida interior: Maria Madalena não tem medo de voltar ao sepulcro. Não teme encontrar-se com seus pecados, que levaram Jesus à cruz. Ela O busca, porque sabe que só Ele foi capaz de ajudá-la a mudar, a ser alguém diferente. Só Ele deu sentido à sua vida.



MAS, NO JARDIM, JESUS JÁ A ESPERAVA.

Maria encontra a pedra removida e se desespera. Começa a chorar. O clima era tenso entre os seguidores de Jesus e as autoridades religiosas, e ela pensa que alguém roubou o corpo do Senhor. Foi no jardim que teve início nossa relação com o Criador — e é nesse jardim que o Jardineiro nos reconcilia com o Pai e nos devolve a vida.

Maria não O reconhece. Pensa que é um jardineiro. Até que Jesus a chama pelo nome. E ela reconhece a voz do seu Senhor. Talvez, naquele instante, toda a sua história tenha passado diante de seus olhos: o primeiro encontro, a libertação, os momentos ao lado de Jesus, sua voz ensinando, curando, chamando.

Maria tinha ouvido com o coração. Por isso, reconhece. E é a primeira a experimentar o impacto da Ressurreição: o choque que gera alegria, vida nova, esperança.

Ela exclama: “Rabbuni!” — Meu Mestre.

Uma palavra carregada de amor, intimidade e pertença.

Como não desejar viver esse encontro? Como não desejar ouvir o próprio nome sendo pronunciado pelo Senhor?

Hoje, o Ressuscitado — que passou pela cruz — chama cada um de nós pelo nome. Chama você. E, enamorados, após carregarmos a cruz com Ele, somos também ressuscitados com Ele.

Como Maria, experimentamos a alegria de tê-Lo vivo — não apenas vivo, mas Ressuscitado.